

ISLÃ E TOLERÂNCIA: DISCURSO APOLOGÉTICO E REALIDADE HISTÓRICA

*Alderi Souza de Matos**

RESUMO

O início do século 21 está testemunhando eventos de grande significado histórico no âmbito da religião. O radicalismo islâmico tem assombrado o mundo com sua persistente agressividade e vasta amplitude. O Oriente Médio, o norte da África e partes da Ásia, Europa e América do Norte têm sido palco do fanatismo e da violência dos extremistas. Em especial, as comunidades cristãs que vivem pacificamente em países muçulmanos estão sendo alvo de horrível crueldade. Em diversas regiões, o pouco que restava do cristianismo está a caminho da extinção. Muitos observadores e estudiosos afirmam que essas ações representam uma grotesca distorção do islã, não sendo condizentes com o verdadeiro espírito dessa religião. Os apologistas internos e externos declaram repetidamente que a fé muçulmana tem cultivado historicamente a tolerância e a paz. O objetivo deste artigo é reexaminar essa questão olhando para as fontes do islã, sua história e os acontecimentos dos anos recentes.

PALAVRAS-CHAVE

Islã; Islamismo; Muçulmanos; Maomé; Corão; Hadith; Sharia; Tolerância; Multiculturalismo; Fundamentalismo; Cristianismo; Perseguição; Direitos humanos.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muitos termos de origem árabe se tornaram frequentes na imprensa ocidental, como “aiatolá”, “xiita”, “sunita”, “imã”, “ramadã”,

* Doutor em Teologia (Th.D.) pela Boston University School of Theology; professor de Teologia Histórica no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo.

“burca”, “xador”, “madracal”, “talibã”, “jihad”, “sharia” e “califado”. O uso dessa terminologia não resulta de questões inocentes, como um súbito interesse intelectual ou histórico pelos povos muçulmanos, e sim de um espectro sombrio que tem se levantado sobre o mundo neste início do século 21 – o radicalismo islâmico.¹ Essa forma de extremismo político e religioso já havia surgido em meados do século 20, mas tem atingido proporções assustadoras nestes primeiros anos do novo século, a começar dos atentados contra as Torres Gêmeas, em Nova York, no fatídico 11 de setembro de 2001. No Ocidente, o episódio mais recente foi o assassinato de vários caricaturistas do jornal satírico *Charlie Hebdo*, em Paris, no dia 7 de janeiro de 2015.

No entanto, o principal cenário do extremismo islâmico tem sido o território dos países ligados a essa religião, como Afeganistão, Paquistão, Síria, Iraque, Egito e Líbia, nos quais a maior parte das vítimas tem sido os próprios muçulmanos. Como se não bastassem tantas atrocidades em nome de Deus, em 2014 surgiu no Oriente Médio, no contexto da guerra civil na Síria e do caos reinante no Iraque, a expressão máxima do terror, o chamado Estado Islâmico. Esse movimento de inspiração sunita tem sido responsável por alguns dos maiores atos de selvageria e barbárie de que se tem notícia na história recente da humanidade, dirigindo sua fúria homicida contra a facção xiita e as minorias religiosas da região, principalmente cristãs.

O presidente americano Barack Obama, líder mais importante do mundo ocidental, tem feito um esforço sistemático no sentido de isentar a religião islâmica de qualquer responsabilidade por essas atrocidades. Ele jamais utiliza a expressão “terroristas islâmicos” – são simplesmente terroristas. Mesmo no caso do ataque de um grupo radical da Somália contra uma universidade do Quênia, em 2 de abril de 2015, no qual 147 estudantes foram mortos pelo fato de serem cristãos, ele não se referiu aos terroristas como muçulmanos nem aos estudantes como cristãos.² Um bando de extremistas simplesmente matou a esmo um enorme grupo de estudantes. Em outras palavras, o fator religioso seria irrelevante nesses episódios. Para Obama, tais indivíduos de modo algum representam o islã, que para ele é essencialmente uma religião de paz e tolerância.

Porém, existem algumas perguntas que precisam ser respondidas. Se as motivações dos extremistas não têm uma origem islâmica, quais são de fato tais motivações? Seriam elas apenas de ordem política, social ou ideológica, sem qualquer dimensão religiosa? É de fato o islã uma religião cujos

¹ Em anos recentes, tem sido feita uma importante distinção terminológica no que se refere aos seguidores de Maomé. O termo “islã” é reservado para essa religião no seu sentido geral, convencional. Já o termo “islamismo” é aplicado por muitos autores ao islã político ou fundamentalismo islâmico.

² W[hite H[ouse] Statement on Kenya terror attack fails to mention Christians were singled out. Disponível em: <http://townhall.com/tipsheet/leahbarkoukis/2015/04/04/obama-statement-on-kenya-n1980810>. Acesso em: 13/05/2015.

pressupostos conduzem a uma convivência harmoniosa com outras religiões e cosmovisões? O que dizem a história e a situação atual sobre isso? Principalmente, que tipos de valores e condutas caracterizam o islã majoritário ou normativo, conforme se observa na vida atual das nações islâmicas? Qual é o status dos grupos religiosos minoritários nesses países?

Na tentativa de responder tais indagações, este artigo aborda inicialmente duas interpretações básicas do islã correntes nos meios acadêmicos. Em seguida, considera sucessivamente o surgimento dessa religião, suas crenças mais importantes e sua história subsequente, até o advento do islamismo radical no século 20. Por último retoma a questão da tolerância, analisando a lógica interna do islã, o conceito de jihad e a perseguição dos cristãos na atualidade, destacando o que ocorre em alguns países significativos.

1. ATITUDES QUANTO AO ISLÃ

A literatura sobre a religião islâmica é vasta e se avolumou consideravelmente nas últimas décadas.³ Isso se deve não somente ao recrudescimento do radicalismo associado a essa religião, mas a um contato sem precedentes entre o mundo islâmico e o Ocidente nos últimos 50 anos. A maior parte das nações muçulmanas é pobre, muitas delas têm sido afligidas por guerras e revoluções, e isso produziu um grande êxodo para a Europa e os Estados Unidos. Estima-se que haja atualmente 5 milhões de muçulmanos na França, 4 milhões na Alemanha e 3 milhões no Reino Unido. Nos Estados Unidos, as estimativas estão em torno de 6 milhões. Devido à imigração e a elevadas taxas de natalidade, esses números crescem continuamente.

Recentemente, a organização Pew Research Center publicou um estudo segundo o qual haverá um crescimento exponencial do islã nas próximas décadas, quando o número de muçulmanos deverá se tornar quase igual ao de cristãos em termos mundiais. De 2010 a 2050, os cristãos deverão passar de 2,17 para 2,92 bilhões e os muçulmanos, de 1,6 para 2,76 bilhões. Nesse período, o percentual de cristãos na população mundial se manterá em torno de 31,4, enquanto que o dos muçulmanos deverá crescer de 23,2 para 29,7. Depois de 2070, existe a possibilidade de que o islã ultrapasse o cristianismo em número de adeptos.⁴ O Centro para o Estudo do Cristianismo Global, do Seminário

³ Nos últimos anos, várias dissertações sobre o tema foram apresentadas no curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie: LIMA, César Rocha. Da Bíblia ao Alcorão: desconstruções e (re)construções simbólicas no processo de reversão ao islã no Brasil (2013); MAMEDES, Janói Joaquim. A mesquita da luz: o islã sunita no Rio de Janeiro (2014); SILVA, Dirceu Alves da. A mulher muçulmana: uma visão panorâmica de Meca a São Paulo (2014); PAGANELLI, Magno. A relação entre a violência do Hamas e a interpretação do Corão (2014).

⁴ Here is the best prediction yet of how Christianity and Islam will change worldwide by 2050. Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/gleanings/2015/april/heres-best-prediction-yet-christianity-islam-2050-pew.html>. Acesso em: 08/05/2015.

Teológico Gordon-Conwell, tem números mais otimistas, prevendo que mais de 3,3 bilhões de pessoas serão cristãs em 2050.⁵

Esses fatos destacam que o islã e o cristianismo estão vivendo uma situação inteiramente nova. Nunca antes em toda a história houve um contato tão estreito entre esses dois mundos conceituais, e tal interação tem gerado tanto grandes oportunidades quanto enormes tensões. Essa aproximação entre o Oriente islâmico e o Ocidente cristão se dá num momento muito particular da vida do mundo ocidental, caracterizado pelo que se convencionou chamar de pós-modernidade. O hemisfério norte pós-moderno está abandonando rapidamente as suas raízes cristãs e se deixando seduzir pelo mais completo secularismo. Nesse ambiente irreligioso, floresce uma nova ideologia, o multiculturalismo, com a conseqüente valorização das minorias.

Isso tem um lado positivo, o respeito pelos diferentes grupos que compõem a sociedade, em especial aqueles historicamente marginalizados, e um lado negativo, o abandono ou relativização dos próprios valores em nome da igualdade de todas as culturas, bem como a rejeição de qualquer crítica às crenças e práticas de outros grupos. Esse relativismo paradoxalmente mesclado com uma tendência absolutista é o que se denomina “politicamente correto”. Tal clima cultural tem beneficiado grandemente o universo muçulmano, sendo ativamente utilizado pelos seus apologistas. Qualquer questionamento dos valores e práticas islâmicos é rapidamente tachado de “islamofobia”, tanto por líderes dessa religião quanto por seus simpatizantes ocidentais.

Um dos melhores livros sobre o islã publicados originalmente em português é *O Mundo Muçulmano*, de Peter Demant, renomado especialista internacional no assunto. Em sua obra, ele observa que, quando se analisam as causas da grande crise vivida pelo islã e da ameaça que o radicalismo representa para o mundo, duas escolas interpretativas se opõem no Ocidente.⁶ Uma delas, denominada “internalista”, argumenta que o próprio islã é o problema e que, para o desenvolvimento do mundo muçulmano e sua democratização, é necessário que haja uma reforma dessa religião. Os principais representantes dessa teoria, chamados por seus críticos de reacionários e “orientalistas”, são Bernard Lewis,⁷ Daniel Pipes e Martin Kramer. A segunda escola, “externalista”, considera essa visão

⁵ Ibid. O islã também tem crescido no Brasil. Ver: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/05/31/aumenta-numero-de-brasileiros-convertidos-ao-islama.htm>.

⁶ DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 334-336. Esse holandês nascido em 1951 residiu por quase uma década em Israel e desde 1999 é professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo.

⁷ Bernard Lewis nasceu em Londres em 1916 e é professor emérito de Estudos do Oriente Próximo na Universidade de Princeton. Alguns de seus livros publicados em português são: *O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje*; *Assassinos – os primórdios do terrorismo no islã*; *O que deu errado no Oriente Médio?*; *A crise do islã: guerra santa e terror profano* e *A descoberta da Europa pelo islã*, os primeiros publicados pela editora Jorge Zahar e o último por Perspectiva.

reducionista e aponta para fatores exógenos – as intromissões ocidentais – como responsáveis pelos problemas das sociedades muçulmanas. Seus expoentes são Edward Said, Maxime Rodinson e John Esposito, que muitos consideram “uma ‘quinta coluna’ islamófila na academia”.⁸

A escola internalista predominou até os anos 70. A partir da década seguinte, sob a influência de fatores como o pós-modernismo, as novas ênfases subjetivistas e relativistas na filosofia e nas ciências sociais, o relativismo cultural e o multiculturalismo, a posição externalista se tornou mais influente, até, em certos contextos, constituir “a nova ortodoxia do ‘politicamente correto’”.⁹ Todavia, depois do 11 de setembro e agora mais ainda, com o surgimento do Estado Islâmico e sua barbárie, a visão internalista novamente está ganhando credibilidade. Com vistas a compreender o ethos ou espírito do islã, e averiguar se ele é compatível ou não com a tolerância e a convivência pacífica com outros grupos, é necessário conhecer os contornos básicos de sua história e convicções.

2. PRIMÓRDIOS DA FÉ ISLÂMICA

O islã surgiu na península arábica no início do século 7º da era cristã. A Arábia estava situada na periferia de duas superpotências. De um lado, havia o Império Bizantino, na Ásia Menor, sucessor do antigo Império Romano oriental, tendo como religião oficial a igreja grega, mais tarde conhecida como ortodoxa. Ao oriente estava o Império Sassânida, que incluía a Pérsia e a Mesopotâmia, herdeiro da velha civilização do zoroastrismo, sistema religioso-filosófico fundado no século 6º AC.

Como as guerras contínuas haviam inviabilizado a Rota da Seda, que trazia produtos da China para o Mediterrâneo através da Pérsia, os comerciantes buscaram rotas alternativas, sendo que uma delas atravessava o Hijaz, no noroeste da Arábia. Esse fato beneficiou grandemente a região, em especial a cidade de Meca, tradicional centro de peregrinação no qual muitas divindades eram cultuadas em torno de uma estranha pedra negra – um meteorito de 30 centímetros de diâmetro tido como sagrado. Mais tarde seria erguido ali um edifício em forma de cubo, a Caaba (*Ka'aba*), local mais reverenciado do islã. A sociedade era tribal e o estilo de vida valorizava a liberdade de circulação, a preservação da honra e a lealdade ao clã. As lutas pelos escassos recursos eram frequentes, “o que provocava ciclos de vingança”.¹⁰

⁸ DEMANT, *O mundo muçulmano*, p. 336. Esposito é fundador e diretor do Centro para o Entendimento Muçulmano-Cristão, na Universidade Georgetown, em Washington. Esse centro recebeu uma dotação de 20 milhões de dólares do príncipe saudita Alwaleed Bin Talal e passou a ter o seu nome. Para uma avaliação crítica desse autor, ver: SCHWARTZ, Stephen. John L. Esposito: apologist for Wahhabi Islam. *American Thinker*. Disponível em: http://www.americanthinker.com/articles/2011/09/john_l_esposito_apologist_for_wahhabi_islam.html. Acesso em: 31/05/2015.

⁹ DEMANT, *O mundo muçulmano*, p. 338.

¹⁰ *Ibid.*, p. 23-25.

Nesse contexto entrou em cena a figura notável de Muhammad ou Maomé (570-632), que pertencia a um ramo do clã dos coraixitas, um dos mais poderosos de Meca. Aos 25 anos, ele casou-se com Khadija, uma rica viúva, com a qual teve uma única filha, Fátima. Era mercador e acredita-se que em suas viagens comerciais foi influenciado por judeus e cristãos, dos quais recebeu suas concepções monoteístas. Aos 35 anos, resolveu um conflito entre três xeiques no templo de Meca e concluiu que podia ser um grande líder religioso de seu povo. Finalmente, aos 40 anos, sentiu-se chamado pelo anjo Gabriel (Jibril) a pregar a religião de um Deus único e todo-poderoso, diante do qual cada ser humano deve se submeter incondicionalmente.¹¹ Daí a palavra “islã”, isto é, “submissão”, sendo que “muçulmano” significa “aquele que se submete”.

Aos 50 anos, Alá confirmou o chamado de Maomé levando-o à noite para Jerusalém (esplanada do templo), onde ele conversou com Jesus (Issa), Moisés (Mussa) e Abraão (Ibrahim). A seguir, ele e o anjo subiram por uma escada até o sétimo céu.¹² Dois anos mais tarde, sua pregação contra a idolatria irritou a elite comercial de Meca, fazendo com que ele e seus poucos seguidores fossem expulsos. Seguiram então para a cidade de Iatreb, mais tarde denominada Medina, 300 quilômetros ao norte de Meca. Esse episódio, conhecido como héjira ou migração (*hijra*), marca o início do calendário muçulmano (ano 622). Com o tempo, os muçulmanos impuseram sua superioridade militar em Medina, que se tornou a primeira comunidade a viver sob as leis da nova fé.¹³

O poder crescente de Maomé como líder político e militar levou um número cada vez maior de tribos a se aliar ao seu projeto. Com isso, ele impôs sua autoridade em sua cidade natal, Meca, limpou a Caaba de todas as divindades pagãs e estabeleceu-a com o principal centro da nova religião. Quando o fundador morreu, em 632, nos braços da esposa favorita de seu harém, a maior parte da Arábia estava em mãos muçulmanas. Maomé se tornou uma figura altamente reverenciada pelos seus seguidores, que o consideram o último e maior dos profetas de Deus e o grande exemplo a ser seguido em todos os aspectos da vida.

Contudo, devoção ainda maior é prestada ao livro sagrado do islã, o Corão (*Qur'an* ou “recitação”), uma compilação de todas as revelações dadas a Maomé, que só recebeu sua versão definitiva trinta anos após a morte do profeta. Esse livro é considerado a revelação direta e pessoal de Alá, sendo, portanto, divino. Afirmam que existe um protótipo dele no próprio céu. Dessa maneira, ocorre uma curiosa inversão em comparação com o cristianismo. Neste, a pessoa de Cristo ocupa lugar supremo e a Bíblia uma posição subordinada. No islã é o

¹¹ HUME, Roberto Ernesto. *Las religiones vivas*. Buenos Aires e Montevideu: Mundo Nuevo, 1931, p. 223.

¹² BEVERLEY, James A. Muhammad amid the faiths. *Christian History*, v. XXI, n. 2 (2002), p. 12.

¹³ DEMANT, *O mundo muçulmano*, p. 26.

oposto, vindo o Corão em primeiro lugar e em seguida a pessoa de Maomé. Esse livro é constituído de 114 capítulos ou “suras”, que formam um volume pouco menor que o Novo Testamento. O primeiro capítulo contém uma breve oração inicial, a Fatiha. Em seguida, os capítulos estão dispostos em ordem decrescente de tamanho, desde o maior, com 286 versículos, até os menores, com menos de dez, num total de 6.236 versículos. Todas as suras, exceto a 9ª, começam com a mesma fórmula: “Em nome de Alá, o Compassivo, o Misericordioso”.

3. CONVICÇÕES FUNDAMENTAIS

A religião islâmica é bastante complexa, porém dá ênfase especial a alguns poucos deveres essenciais, que são considerados os cinco pilares do islã. São eles: (a) *Shahada* (testemunho): consiste na recitação diária de uma declaração de fé fundamental – “Não há outro Deus senão Alá e Maomé é seu profeta”. A simples repetição desse credo é aceita como prova de conversão. (b) *Salat* (oração): os fiéis devem orar cinco vezes ao dia, de preferência em uma mesquita ou então sobre um tapete, voltados em direção a Meca, a cidade sagrada. Nas sextas-feiras, realizam-se cerimônias especiais nas mesquitas. (c) *Zakat* (esmolas): a conversão ao islã supõe claramente o pagamento desse imposto de 2,5% dos rendimentos para os pobres e necessitados. (d) *Sawm* (jejum): em especial no mês sagrado de Ramadã (9º mês), os fiéis praticam completa abstinência de relações sexuais, alimentos e água, mas apenas durante o dia. (e) *Hajj* (peregrinação): pelo menos uma vez na vida, deve-se ir a Meca para caminhar ao redor da mesquita sagrada e realizar vários outros rituais; em caso de impossibilidade, pode-se mandar um substituto.¹⁴

Muitos consideram como outro pilar a *jihad*, que literalmente significa “esforço”, ou seja, a luta espiritual particular ou o empenho em prol da expansão do islã por todo o mundo. Esse conceito é entendido, em especial pelos conservadores, como “guerra santa” em defesa dos territórios e dos interesses islâmicos. Os teólogos dessa religião distinguem entre quatro modalidades: (1) *jihad* do coração – a luta contra as tendências más da natureza humana, a busca do aperfeiçoamento pessoal; (2) *jihad* da boca e da pena – o esforço verbal, na forma de argumentação e imprecações, visando refutar a oposição ao islã, ou o uso da palavra escrita em sua defesa, como faz a apologética islâmica em relação às doutrinas centrais do cristianismo; (3) *jihad* da mão – promoção da causa de Alá por meio de ações louváveis como o tratamento exemplar dos outros e a devoção a Deus; (4) *jihad* da espada – combate físico em prol do islã.¹⁵

¹⁴ HUME, *Las religiones vivas*, p. 237s.

¹⁵ ELASS, Mateen A. Four jihads. *Christian History*, v. XXI, n. 2 (2002), p. 35.

Associados aos pilares do islã estão algumas doutrinas centrais, a começar do entendimento do ser supremo. Alá é tido como um Deus absolutamente único, eterno, poderoso, onisciente, onipresente e transcendente, sendo tanto o politeísmo quanto a idolatria pecados abomináveis. Existe uma distância intransponível entre Deus e os mortais, que lhe devem obediência absoluta. O islã também aceita a existência de anjos, *jinnns* e demônios. Os primeiros intercedem pelos homens junto a Alá, sendo que Gabriel tem um status especial como arcanjo e às vezes é chamado o Espírito Santo. Os *jinnns* ou gênios são seres intermediários entre os homens e os anjos. Um deles é o diabo (*shaytan* ou *iblis*), que está acompanhado de *shayatin*, demônios. No fim do mundo, haverá uma ressurreição geral. Os muçulmanos creem no juízo final, no paraíso e no inferno. O paraíso é descrito com abundantes prazeres para os sentidos: rios e jardins, ricas iguarias e diversos deleites sensuais. O inferno também é descrito com muito realismo. Outra convicção é a crença no destino (*kismet*) ou fatalismo absoluto, uma vez que tudo está predeterminado por Alá.¹⁶

Uma questão paradoxal é a relação entre o islã e as duas religiões que lhe deram origem. Os muçulmanos creem que Deus levantou no mundo uma longa sucessão de profetas. O Corão menciona 28 deles, 23 pertencentes ao Antigo Testamento e três ao Novo Testamento (Zacarias, João Batista e Jesus). Outro deles é Saleh ou Selá, um antigo profeta árabe. Maomé é tido como o último e o maior de todos, e assim a revelação dada a ele inclui e transcende as anteriores. Ele se considerava um herdeiro das tradições judaica e cristã e a parte inicial do Corão expressa a esperança de que os “povos do livro” o aceitem como profeta. Todavia, seções posteriores fazem forte polêmica contra os dois grupos. Mesmo assim, Maomé manteve uma atitude positiva para com os cristãos e decretou que eles e os judeus deviam receber proteção sob o domínio islâmico.¹⁷

A falta de familiaridade de Maomé com o cristianismo ortodoxo fica evidente no Corão. O livro refuta três ensinamentos cristãos fundamentais: que Jesus era o filho de Deus, que ele morreu na cruz e que Deus é um ser trino.¹⁸ Segundo o islã, Jesus nasceu da virgem Maria e realizou muitos milagres, mas foi protegido da morte por crucificação e não ressuscitou dentre os mortos. Ele subiu ao céu após a morte e retornará à terra. Era um muçulmano fiel ou seguidor de Alá. Alega-se, sem qualquer evidência histórica, que os cristãos corromperam intencionalmente as suas Escrituras para incluir as doutrinas acima.

Com toda a sua imensa importância, o Corão não é a única fonte das convicções e práticas dos muçulmanos. Existem também a tradição islâmica

¹⁶ HUME, *Las religiones vivas*, p. 234-236.

¹⁷ BEVERLEY, *Muhammad amid the faiths*, p. 13.

¹⁸ *Ibid.*

(hadith) e a lei islâmica (sharia). A hadith é um conjunto de tradições sobre Maomé, sua família e seus companheiros que são consideradas, tanto em seus aspectos legais quanto não legais, tão normativas quanto o Corão.¹⁹ A sharia é a legislação islâmica conforme exposta no Corão, na tradição e na interpretação dos principais teólogos e juristas, especialmente nos séculos iniciais do islã. Abrange todas as áreas da vida: religião, relações sociais (família, herança, casamento) e lei criminal.²⁰ Classifica as ações humanas em cinco categorias – obrigatórias, indicadas, neutras, reprováveis e proibidas –, prescrevendo para estas últimas terríveis punições corporais.

Uma característica notável do islã é o seu caráter abrangente ou totalizante, indo muito além do que ocorreu na cristandade medieval. A fé islâmica condiciona todas os aspectos da vida dos fiéis, tanto no plano individual quanto coletivo. Com isso, entre outras consequências, não existe separação entre as esferas sagrada e secular, entre o âmbito religioso e o social. O islã tem também grande visibilidade, pois é praticado de maneira muito aberta e pública, em contraste com o caráter cada vez mais privativo da espiritualidade no Ocidente. Adicionalmente, essa religião exerce forte poder de atração sobre seus fiéis e é objeto de grande fervor devocional. Os muçulmanos têm muito interesse pela religiosidade e gostam de falar sobre o assunto.

Eles se orgulham de constituir uma só comunidade mundial – a *umma*, também conhecida como *Dar al-islam* (“a casa do islã”), o conjunto de todos os territórios submetidos a essa fé. Todavia, paradoxalmente a comunidade islâmica sofre graves tensões e divisões por motivos étnicos, políticos, econômicos e também religiosos. Numa época em que havia maior diversidade no islã, surgiram muitas seitas e movimentos com ênfases diferentes. Além dos sunitas e xiitas originais, que em alguns países são inimigos acerbos, existem os sufis, adeptos de uma tendência mística do sunismo que dá ênfase à imanência de Deus e não à sua transcendência. Seu nome deriva da vestimenta de lã usada pelos adeptos (*suf*). Alguns grupos sectários são os alawitas ou nusairis (seita xiita extrema da Síria que venera Ali), os alevitas (ramo xiita da Turquia com influências pré-islâmicas), os zaiditas (corrente xiita moderada do Iêmen) e os ahmadis (movimento messiânico e pacifista fundado na Índia no final do século 19). Nos Estados Unidos, existe a Nação do Islã, um movimento

¹⁹ SCHIRRMACHER, Christine. *Islam: an introduction*. The WEA Global Issues Series 6. Bonn, Alemanha: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 2011, p. 31s. Essa autora e professora alemã é uma renomada especialista em estudos islâmicos, com mestrado e doutorado na área. Leciona na Universidade Protestante de Lovaina (Bélgica) e na Universidade de Bonn. É diretora do Instituto Internacional de Estudos Islâmicos, da Aliança Evangélica Mundial. Seu esposo, Dr. Thomas Schirmacher, é presidente da Comissão Teológica da Aliança Evangélica Mundial.

²⁰ *Ibid.*, p. 75. Sobre a relação entre sharia e direitos humanos, ver SCHIRRMACHER, Thomas. *Human rights*. WEA Global Issues Series 5. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 2014, p. 57-59.

de negros que possuía traços sectários, mas gradualmente foi absorvido pelo sunismo ortodoxo.²¹

4. HISTÓRIA POSTERIOR

A longa história do islã é dividida em vários estágios, nos quais ele se expandiu amplamente até ocupar uma enorme região do mundo que se estende do norte da África à Indonésia. Essa história é repleta de avanços e recuos, de progresso e decadência, nos aspectos político, econômico e intelectual.

4.1 Conflitos iniciais

Os primeiros trinta anos após a morte do fundador foram cenário de intensa luta pela liderança do movimento. Maomé morreu sem indicar claramente um sucessor, o que levou ao surgimento de duas tendências antagônicas que persistem até hoje. A posição majoritária considerou que qualquer fiel podia ser candidato à sucessão, desde que aceito pela comunidade. O primeiro sucessor ou “califa” foi Abu Bakr, velho companheiro do profeta, que consolidou o poder islâmico na maior parte da Arábia. Ele foi sucedido em 634 por Umar ibn al-Khattab, que conquistou vastos territórios do Império Bizantino (Egito, Síria, Palestina, Mesopotâmia e uma porção do Cáucaso), bem como parte do Império Persa. O terceiro califa, Uthman ibn Affan (644-656) consolidou as conquistas do anterior e tomou o norte da África.²² No seu governo, houve a fixação definitiva do texto do Corão.

A seguir, manifestou-se a segunda tendência na liderança do islã, que se tornou minoritária: a opinião de que os sucessores do profeta deviam pertencer à sua própria família. Em 656, assumiu o califado seu genro Ali, casado com Fátima. Porém, sua autoridade foi contestada por Mu’awiyya, membro de outro ramo dos coraixitas. Seguiu-se uma guerra civil que resultou no assassinato de Ali em 661. Surgiu a partir daí uma divisão permanente no islã. Os seguidores de Ali e seus sucessores formaram o partido ou facção (*shi’a*) de Ali, de onde procedem os xiitas, que hoje constituem cerca de 10 a 15% dos muçulmanos. A maior parte dos árabes aceitou a liderança de Mu’awiyya, que deu início a uma dinastia, a dos omíadas. Esse grupo veio a constituir a maioria ortodoxa islâmica, os seguidores da tradição (*sunna*), de onde vem o termo sunitas. A dinastia xiita inicial teve uma existência breve e trágica. Hassan, filho e sucessor de Ali, foi assassinado em 669. Seu filho Hussein liderou uma rebelião contra Yazid, sucessor de Mu’awiyya, e foi decapitado. Os xiitas até hoje glorificam o sacrifício de Hussein e contestam a legitimidade dos califas sunitas. Para eles, as autoridades supremas sobre a comunidade islâmica (*umma*) são os imãs.²³

²¹ DEMANT, *O mundo muçulmano*, p. 182s.

²² *Ibid.*, p. 38.

²³ *Ibid.*, p. 37-40.

A maior parte dos xiitas vive no Irã, Iraque, Paquistão e Índia. Dividem-se em três grupos principais: duodécimos, ismailis e zaidis.

4.2 Os grandes impérios

Graças às suas notáveis conquistas militares, os muçulmanos fundaram vastos impérios. O primeiro deles, o Império Omíada, perdurou por quase um século (661-750), tendo sua capital em Damasco, na Síria, e se estendeu da Península Ibérica até a Índia. Completou a conquista do norte da África até o Maghreb (Marrocos) e invadiu a Espanha em 711. Porém, o avanço islâmico na Europa ocidental foi permanentemente detido pelos franceses no ano 732, na célebre batalha de Tours ou Poitiers.²⁴ As conquistas muçulmanas desse período representaram sérias perdas para o cristianismo, tanto no Oriente Médio quanto no norte da África. Importantes centros cristãos como Antioquia, Alexandria e Cartago foram permanentemente perdidos para o islã. No início, os cristãos foram tratados com certa tolerância por estarem entre os “povos do livro”, ou seja, outras religiões monoteístas que possuíam um livro sagrado anterior. Não havia pressões para a conversão e eles tinham o status de comunidade protegida (*dhimma*). Contudo, sofriam várias limitações e nunca estiveram plenamente seguros. Tinham de usar um vestuário diferente e pagar um imposto individual (*jizya*).

Na década de 740, uma revolta dos muçulmanos não árabes (*mawali*), liderados por Abu al-Abbas, parente distante de Maomé, derrotou os omíadas e tomou grande parte de seus territórios. A nova dinastia, sediada em Bagdá, equiparou os direitos de todos os muçulmanos. O Império Abássida (750-1258) foi o mais poderoso e avançado do mundo de então, especialmente nos seus dois primeiros séculos, um período de extraordinária prosperidade e florescimento cultural que é considerado a época de ouro da civilização islâmica.²⁵ Deu notáveis contribuições no âmbito da ciência (astronomia, alquimia, matemática, medicina, ótica), literatura, filosofia, arquitetura e tecnologia.

A partir do século 11, os territórios islâmicos sofreram a invasão de tribos nômades da Eurásia que, ao mesmo tempo em que abraçaram o islã, causaram tumulto e destruição durante séculos. Os principais desses povos foram os turcos e os mongóis. Os primeiros tiveram uma vitória decisiva contra os bizantinos na Batalha de Manzikert, em 1071, que abalou o equilíbrio geopolítico da região. Esses turcos seljúcidas criaram um sultanato que veio a incorporar a Síria e a Palestina. Os obstáculos colocados pelos sultões aos peregrinos cristãos que queriam visitar os locais sagrados da Palestina foram o motivo inicial das Cruzadas (1096-1291), grandes campanhas militares dos

²⁴ Para uma reavaliação recente desse episódio, ver: LEWIS, David Levering. *O islã e a formação da Europa de 570 a 1215*. Barueri, SP: Amariyls, 2010.

²⁵ DEMANT, *O mundo muçulmano*, p. 43.

européus que mais tarde foram transformadas em um símbolo da agressão cristã contra o islã.²⁶ Contudo, do ponto de vista estratégico e psicológico, a perda da Península Ibérica (al-Andalus) foi bem mais grave para os muçulmanos, tendo se concluído em 1492 com a queda de Granada.

Ainda mais devastadoras para o mundo islâmico foram as invasões mongólicas de Genghis Khan e seus sucessores, principalmente durante o século 14. No âmbito religioso e cultural, a principal consequência dessas invasões foi a crescente rigidez dogmática do islã, que se tornou mais intolerante para com suas dissidências internas e os adeptos de outras religiões (*dhimmis*). Demant acredita que essa virada teológica conservadora “afetou negativamente a capacidade muçulmana para reagir aos desafios lançados posteriormente pelo Ocidente”.²⁷

Outra tribo turca, liderada por Osman, criou o poderoso e duradouro Império Otomano (1281-1924). Eles tomaram Constantinopla em 1453, pondo fim ao antigo Império Bizantino, outra enorme perda para o cristianismo. Os otomanos avançaram pelos Bálcãs até Viena, na Áustria, e conquistaram o Oriente Médio e o norte da África até as fronteiras do Marrocos. Implantaram em todo o império a supremacia sunita, mas não conseguiram conquistar a Pérsia (Irã), até hoje solidamente xiita. O auge desse império se deu no século 16 com o sultão Suleiman, o Magnífico.²⁸ Após uma longa decadência, o império turco chegou ao fim na esteira da 1ª Guerra Mundial, não sem antes ter produzido o genocídio armênio (1915-1923).²⁹

Ao longo dos séculos, o islã também se expandiu amplamente na Índia, no sudeste asiático (Indonésia, Malásia, Filipinas) e na África saariana e oriental. Na Índia, houve choques violentos com o hinduísmo, que culminaram no fim do século 17 com o surgimento do fundamentalismo hindu, fortemente antimuçulmano. Ao mesmo tempo em que o império otomano e outras regiões do mundo islâmico entravam em declínio cultural, intelectual e político, o Ocidente cristão experimentou grande desenvolvimento, graças a fenômenos como a Reforma Protestante, o iluminismo e a revolução industrial. Finalmente, as regiões fortemente islamizadas da Ásia, Índia e do próprio Oriente Médio caíram, ainda que por breve tempo, sob o controle das potências coloniais europeias. Esses fatos, associados às circunstâncias da criação do Estado de

²⁶ Nos três volumes de sua obra *História das Cruzadas* (1951-1954), Sir Steven Runciman contribuiu para divulgar a ideia de que os combatentes cristãos foram vilões e os muçulmanos, vítimas inocentes e heroicas.

²⁷ DEMANT, *O mundo muçulmano*, p. 56.

²⁸ Sobre como o reformador Martinho Lutero interpretou a ameaça turca contra a Europa, ver: MILLER, Gregory. From Crusades to homeland defense. *Christian History*, v. XXI, n. 2 (2002), p. 31-34.

²⁹ Quanto a esse episódio, ver: MATOS, Alderi S. Armênios – um centenário doloroso. *Brasil Presbiteriano*, maio 2015, p. 8s; Genocídio armênio – memória e negação. *Ultimato*, julho-agosto 2015.

Israel, alimentaram um sentimento de humilhação, injustiça e trauma que acabou resultando no surgimento do islã político ou radicalismo muçulmano.³⁰

4.3 O fundamentalismo islâmico

Em meados do século 20, os países árabes se defrontaram com duas opções políticas que resultaram em fracasso: de um lado, a modernização pró-ocidental; de outro, o nacionalismo secular e os governos autoritários daí resultantes. No vácuo dessa crise, surgiu o fundamentalismo muçulmano ou islamismo, definido por Peter Demant como

uma ideologia política antimoderna, anti-secularista e antiocidental, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante, é transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e estabelecer o reino de Deus em toda a Terra.³¹

O autor acrescenta que essa tendência talvez seja a vertente predominante do islã atual.

O fundamentalismo começou com uma fase sunita nos anos 50 a 70, graças aos escritos do paquistanês Abu al-Ala Mawdudi (1903-1979) e de seu discípulo egípcio Sayyid Qutb (1906-1966), ligado à Fraternidade Muçulmana. Em seguida, nos anos 80, houve um intervalo xiita sob a liderança do aiatolá Ruhollah Khomeini (1902-1989), o qual, reagindo contra a modernização pró-ocidental do seu país, idealizou e liderou a Revolução Iraniana (1978-1979), que implantou a primeira república islâmica. Outra expressão desse fundamentalismo xiita foi o grupo Hezbollah, surgido no Líbano. Finalmente, a partir dos anos 90, ocorreu a internacionalização do radicalismo islâmico na esteira da Guerra do Golfo (1991).³² Algumas das manifestações mais conhecidas dessa fase são as organizações terroristas Hamas (territórios palestinos), Talebã (Afeganistão) e al-Qaeda, do saudita Osama bin Laden, morto em 2011. Finalmente, em 2014, esse radicalismo entrou em um estágio ainda mais apavorante com o Estado Islâmico do Iraque e da Síria e seu séquito de horrores.

Segundo os teóricos do fundamentalismo, os princípios que inspiram o movimento são os seguintes: antiapologia (o islã é perfeito e não precisa de justificação), antiocidentalismo (é preciso manter uma barreira contra o mundo não muçulmano), literalismo (o texto sagrado deve ser entendido de maneira literal), politização (deve haver a implantação do estado islâmico) e

³⁰ Sobre essas questões, ver entrevista com J. Dudley Woodberry em: *Christian History*, v. XXI, n. 2 (2002), p. 43-45.

³¹ DEMANT, *O mundo muçulmano*, p. 201.

³² Ibid.

universalismo (o islã precisa ser imposto a toda a humanidade).³³ Daí resultam várias ênfases do fundamentalismo atual: islamização da política, da sociedade civil e da cultura; construção de um islã internacional; luta militar aberta em novas frentes; islamização das diásporas muçulmanas no Ocidente.³⁴ Tudo isso chega ao auge na guerra internacional de bin Laden e, posteriormente, do Estado Islâmico.

5. A TOLERÂNCIA NO ISLÃ

A esta altura, é necessário voltar às indagações do início. Será que as ações do fundamentalismo islâmico são de fato uma deturpação do verdadeiro islã, como alegam muitos apologistas dessa religião? Deixando de lado as ações dos grupos extremistas, é a fé muçulmana uma religião de paz, tolerância e concórdia com outros grupos? Muitos autores, quer sejam adeptos dessa fé ou não, defendem tal tese.³⁵ A quarta capa de uma monografia declara: “Por meio de ilustrações históricas convincentes e cuidadosa exposição teológica, [o livro] apresenta um argumento conciso mas irrefutável de que a fé islâmica é inerente e enfaticamente tolerante por natureza e disposição”.³⁶ Outro autor conclui um estudo sobre o tema com a seguinte declaração:

Sem dúvida, historicamente, a civilização islâmica revelou notável capacidade de adaptação e reconciliação. Ela apresentou grandes exemplos de tolerância e boa-vontade universal. Sua singular filosofia de tolerância está fundamentada no amor, serviço e bem-estar do humanismo.³⁷

Em geral, os argumentos em favor da tolerância islâmica se concentram em três aspectos: exemplos de atitudes conciliatórias de Maomé, passagens do Corão que demonstram uma atitude pacífica para com outros grupos e situações concretas de convivência cordial entre muçulmanos e adeptos de outras religiões. Ao mesmo tempo, procurando inverter a discussão, os apologistas islâmicos gostam de apontar para exemplos de intolerância cristã,

³³ Ibid., p. 206-209.

³⁴ Ibid., p. 248.

³⁵ No âmbito acadêmico, ver, por exemplo, em ordem cronológica: TYLER, Aaron. Religious tolerance and Islam: a case study of Turkey. *Fides et Historia* 37, n. 1, Wint-Spr 2005, p. 35-51; OMAR, Abdul Rashied. Islam beyond tolerance: the Qur’anic concept of ta’aruf. *Brethren Life and Thought* 53, n. 2, Spr 2008, p. 15-20; KHAN, A. Q. Tolerance in Islam. *Hamdard Islamicus* 32, n. 2, Apr-Jun 2009, p. 93-95; KAZMI, Syed Latif Hussain. An essay on the place of tolerance in Islam. *Journal of Shi’a Islamic Studies*, v. II, n. 1, Winter 2009, p. 27-51; SHAH-KAZEMI, Reza. *The spirit of tolerance in Islam*. Londres, Nova York: Institute of Ismaili Studies, 2012.

³⁶ SHAH-KAZEMI, *The spirit of tolerance in Islam*, quarta capa. Minha tradução.

³⁷ KAZMI, An essay on the place of tolerance in Islam, p. 49. Minha tradução. O autor é professor de filosofia na Universidade Muçulmana de Aligarh, na Índia.

mencionando nesse sentido as Cruzadas, a Inquisição, a expulsão dos mouros da Península Ibérica, o extermínio dos indígenas do Novo Mundo e a escravidão nas Américas, entre outros episódios.³⁸ Eles deliberadamente se esquecem de que, em primeiro lugar, nenhuma dessas condutas foi motivada por convicções e valores cristãos e, em segundo lugar, os cristãos atuais lamentam esses erros do passado e têm expressado publicamente o seu profundo pesar pelos mesmos. Em contraste com isso, um exame detido do islã mostra que existem aspectos muito preocupantes quanto à questão da tolerância em suas fontes, em sua história passada e em seu comportamento atual.

5.1 O ethos do islã

Por ser a mais recente das grandes religiões mundiais, por entender que o seu fundador é o último e o maior dos profetas e por acreditar que o seu livro sagrado é a própria palavra divina aos seres humanos, o islã acredita que sua missão é levar o mundo inteiro a conhecer a Alá e submeter-se a ele. Embora o cristianismo também seja uma religião universalista, os cristãos sabem que nunca a humanidade inteira aceitará o evangelho. Os muçulmanos não só acreditam que o mundo pode e deve aceitar a fé islâmica, mas estão dispostos a utilizar qualquer meio para que isso aconteça. Essa mentalidade certamente não é condizente com um espírito tolerante, porque a tolerância pressupõe que todos têm o direito de crer no que quiserem sem ser coagidos a crer ou deixar de crer.

Outra dificuldade é que predomina no islã uma veneração profunda pelas origens dessa religião. Assim, tanto a pessoa de Maomé quanto o Corão e a tradição islâmica são considerados intocáveis. O fundador é idealizado e considerado um ser perfeito em suas virtudes e ações. Um autor o descreve com as seguintes expressões: “protótipo da perfeição humana e espiritual”, “ideal perfeito da vida moral”, “a perfeição personificada”, “o modelo perfeito de um comportamento ético”.³⁹ O problema é que Maomé foi também um líder político e militar, tendo utilizado a força e a violência para impor as suas convicções. O Corão, ao lado de muitas expressões de brandura no tratamento dos não muçulmanos, também ostenta passagens eivadas de forte agressividade.

Aqui está uma diferença fundamental entre o islã e o cristianismo. Embora Jesus tenha usado uma linguagem forte em relação aos líderes do judaísmo e em certa ocasião tenha expulsado os que faziam comércio no recinto do templo, a tônica da sua mensagem foi o amor, o perdão, a não retaliação e a pregação pacífica do reino de Deus. Também é interessante o que ocorre com a Bíblia.

³⁸ No primeiro semestre de 2015, o presidente Barack Obama utilizou argumentos semelhantes em pelo menos duas ocasiões: no National Prayer Breakfast, em 5 de fevereiro, e no Easter Prayer Breakfast, na Casa Branca, em 7 de abril.

³⁹ KAZMI, An essay on the place of tolerance in Islam, p. 34s.

Embora o Antigo Testamento tenha passagens muito contundentes em relação a outros povos, nem os judeus de hoje e muito menos os cristãos as utilizam para justificar qualquer beligerância contra os que não creem como eles. Existe uma série de fatores exegéticos e históricos que atenuam ou afastam por completo a aplicação literal daqueles textos para hoje.

No islã, a dinâmica é diferente. A altíssima devoção pelos elementos fundantes dessa religião faz com que os valores, métodos e práticas originais continuem a ser legitimados no presente.⁴⁰ Os muçulmanos gostam de citar uma conhecida frase do Corão que declara: “Não pode haver coação na religião” (2:256). Porém, existem outras partes do livro sagrado que não são assim tão condescendentes. Isso fica particularmente claro no que diz respeito à noção fundamental de jihad.

5.2 O conceito de jihad

Como foi visto, a doutrina islâmica aceita três formas relativamente pacíficas de jihad ou esforço em prol da fé: do coração, da boca/da pena e da mão. Porém existe uma quarta modalidade, a jihad da espada, que domina a história e a jurisprudência islâmica. Em muitas de suas ocorrências no Corão, ela significa um apelo ao combate físico em favor do islã. O conceito tem quatro estágios de desenvolvimento no livro sagrado.⁴¹ Quando o islã era um movimento incipiente, Maomé aconselhou uma política de persuasão pacífica (16:125-126). Posteriormente decretou que a luta era permissível somente para repelir a agressão e resgatar bens confiscados por infiéis (22:39). Em novo estágio, essa permissão para lutar em autodefesa logo se tornou uma obrigação religiosa de combater aqueles que iniciassem hostilidades contra a comunidade islâmica (2:190-194). À medida que a doutrina se desenvolveu, o fundador ensinou que aqueles que sacrificassem suas vidas em batalha pela causa de Alá seriam recebidos no nível mais elevado do céu (9:38-39).

O terceiro estágio levou a jihad da defesa para o ataque, exceto nos quatro meses de peregrinação religiosa:

Passados os meses sagrados, combatei e matai os idólatras onde os encontrardes, aprisionai-os, cercai-os e armai-lhes emboscadas. Porém, caso se arrependam, observem as orações e deem esmolas, deixai-os em paz no seu caminho, porque Deus é indulgente e misericordioso (9:5).

⁴⁰ Um autor mostra como a rigidez do Corão conflita com a ideia de tolerância: HYSANI, Nezir. Tolerance and the Qur'an: understanding the unavoidable Islam. Disponível em: www.answering-islam.org/Quran/Themes/tolerance.html. Acesso em: 31/05/2015.

⁴¹ ELASS, Four jihads, p. 36-38.

A evolução final do conceito afastou quaisquer limitações quanto à época de batalhar pela causa de Alá. Quando comandados por um líder reconhecido, os muçulmanos podiam atacar os incrédulos em qualquer época e em qualquer lugar que ainda não havia se rendido aos exércitos do islã: “Combatei os que não creem em Deus e no Dia do Juízo Final, não se abstêm do que Deus e o seu profeta proibiram, não professam a verdadeira religião daqueles que receberam o Livro, até que eles, submissos, paguem o tributo” (9:29).

De acordo com a jurisprudência islâmica, este último estágio é normativo para o islã. A prática desse princípio – jihad como “guerra santa” – explica boa parte da expansão muçulmana ao longo da história, pelo menos em regiões anteriormente cristãs. O islã é a única das grandes religiões que, principalmente nos primeiros séculos de sua história, utilizou sistematicamente a conquista militar como meio de expandir a fé. Quando confrontados com essa história de coerção e expansão, ao invés de se sentirem constrangidos, os muçulmanos se orgulham dessa herança.⁴²

5.3 O islã e os outros

É verdade que, ainda em seus primórdios, os muçulmanos não obrigavam os não seguidores que viviam entre eles a ser converter, principalmente judeus e cristãos, os chamados “povos do livro”. Tecnicamente, os *dhimmi* eram comunidades protegidas no seio do islã; contudo, sofriam uma série de limitações. Tinham de usar vestes diferentes, deviam pagar um imposto e não usufruíam dos mesmos direitos políticos. Assim, experimentavam claramente uma situação de inferioridade e dependiam a cada momento da indulgência da maioria. Essa condição não lhes dava nenhuma segurança e com frequência eram perseguidos.⁴³

Infelizmente, o próprio Maomé estabeleceu um monstruoso precedente de intolerância fatal. Quando ele fugiu de Meca para Medina, havia nessa região três tribos judaicas. Pelo fato de não o aceitarem como profeta, ele expulsou duas delas, apossando-se de suas terras e bens. A terceira, dos Banu Qurayza, teve um destino muito pior. Como eles se mantiveram neutros num ataque das forças de Meca contra Maomé, este os condenou à morte. À beira de uma vala aberta na ocasião, cerca de 800 homens e meninos foram decapitados, sendo as mulheres e crianças escravizadas. Esse horrendo episódio é narrado com detalhes pelo biógrafo do profeta, Ibn Ishaq.⁴⁴

⁴² Ibid., p. 38.

⁴³ Ver as severas estipulações do Pacto de Umar: *Christian History*, v. XXI, n. 2, p. 18.

⁴⁴ BEVERLEY, Muhammad amid the faiths, p. 15. Para uma narrativa detalhada, ver: www.thereligionofpeace.com/Muhammad/myths-mu-qurayza.htm. Acesso em: 31/05/2015. Há uma breve referência ao fato no Corão (33:26).

Nos séculos seguintes, multiplicaram-se os casos de agressão contra as minorias, especialmente cristãs. Por exemplo, em 717 o califa Umar II iniciou a primeira perseguição geral de não muçulmanos; em 807, o califa Harun al-Rashid ordenou a destruição de igrejas novas; em 850, o califa Mutawakill forçou os cristãos a usarem distintivos amarelos; em 1009, o califa fatímida Hakim destruiu a Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, e em 1091, na véspera do início das Cruzadas, os turcos seljúcidas expulsaram os sacerdotes cristãos de Jerusalém.⁴⁵

Outro problema para a apologética islâmica é o que ocorre com um grande grupo interno – as mulheres. Embora se alegue que o islã inicial representou uma elevação do status feminino em comparação com práticas anteriores, o fato é que persistem, em maior ou menor grau, muitas atitudes discriminatórias contra as mulheres sancionadas pela sharia: os homens têm direito à poligamia, as mulheres herdam só a metade do que os homens, seu testemunho em juízo é limitado ou não aceito, quando acusadas de adultério são castigadas com maior severidade do que os homens, o marido tem o direito de punir fisicamente a esposa. Em muitos países, elas nada podem fazer quando são rejeitadas ou quando seus filhos lhes são tirados após um divórcio.⁴⁶ Outros sérios problemas são os casamentos forçados e os assassinatos em defesa da honra.⁴⁷

Quando se avalia a questão da tolerância no islã não é suficiente olhar para situações da história passada, nem para os exemplos de moderação existentes em alguns países islâmicos e na conduta de muitos fiéis que vivem no Ocidente. É preciso considerar o que ocorre hoje nas nações que compõem a vasta maioria do mundo islâmico. Ao se fazer isso, o que se constata é uma realidade de cruel discriminação e repressão contra as populações cristãs que vivem pacificamente nessas regiões.

5.4 A perseguição dos cristãos

Um dos fatos mais desconcertantes da atualidade é o recrudescimento da violência contra os cristãos em muitas partes do mundo. Um livro recente sobre o assunto, depois de declarar que “os cristãos são o grupo religioso mais amplamente perseguido no mundo hoje”, apresenta uma estimativa segundo a qual 75% dos atos de intolerância religiosa são direcionados contra eles.⁴⁸

⁴⁵ Ver: Three phases of Christian-Muslim interaction. *Christian History*, v. XXI, n. 2 (2002), p. 26.

⁴⁶ SCHIRRMACHER, Christine. *The Sharia: law and order in Islam*. WEA World of Theology Series 7. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 2013, p. 30-35.

⁴⁷ SCHIRRMACHER, Christine. *Muslim immigration to Europe*. Martin Bucer Seminar Texte 106. Bonn, 2008, p. 4, 7. Uma conhecida crítica do islã é a ativista somali-holandesa-americana Ayaan Hirsi Ali. Ver: KWON, Lillian. Ex-muslim: proposal that Islam is tolerant is fallacious, dangerous. 2010. Disponível em: <http://www.christianpost.com/news/ex-muslim-proposal-that-islam-is-tolerant-is-fallacious-dangerous-47349/>. Acesso em: 31/05/2015.

⁴⁸ MARSHALL, Paul; GILBERT, Lela; SHEA, Nina. *Perseguidos: o ataque global aos cristãos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2014, p. 20.

Os mesmos autores informam que “os cristãos sofrem assédio estatal ou da sociedade em 133 países – 2/3 dos países do mundo – e em mais lugares do que qualquer outro grupo religioso”.⁴⁹

Embora diversos dos países que se destacam na violação dos direitos humanos no âmbito religioso sejam comunistas ou pós-comunistas, como China, Coreia do Norte, Vietnã, Laos, Cuba, Rússia e as antigas repúblicas soviéticas, ou então budistas e hindus, como Índia, Sri Lanka, Nepal, Butão e Mianmar, o grosso da perseguição se concentra nos países islâmicos do Oriente Médio, norte da África e sudeste asiático. A organização Portas Abertas mantém uma lista atualizada dos 50 países mais opressores do cristianismo e da liberdade religiosa.⁵⁰ Destes, cerca de 35 são países muçulmanos, a começar da Somália, Iraque, Síria, Afeganistão, Sudão, Irã, Paquistão, Maldivas e Arábia Saudita.

A perseguição nesses países pode ser efetuada por governos, grupos radicais ou pela sociedade em geral. As formas que essa intolerância assume são muitas: proibição de cultos e reuniões, de distribuição de literatura religiosa e de conversão à fé cristã; exigências arbitrárias para a construção de edifícios religiosos ou o registro de igrejas; discriminação em áreas como emprego, habitação e educação; multas onerosas, detenção arbitrária, interrogatório e, nos casos mais graves, destruição de templos, saques, espancamentos, tortura, estupro, assassinato e execução. Em suma, são desrespeitados os direitos à vida, integridade física, liberdade e segurança dos indivíduos, ou seja, os direitos humanos mais elementares.⁵¹

A consequência dessas ações é não só o sofrimento indescritível de indivíduos, famílias e comunidades, mas a progressiva eliminação do cristianismo em muitas dessas sociedades. As estimativas apontam para o fato de que, nos últimos cem anos, a presença cristã declinou de 35% para 1,5% no Iraque; de 15% para 2% no Irã; de 40% para 10% na Síria e de 32% para 0,15% na Turquia.⁵² Igrejas ancestrais, como as da Caldeia e da Assíria, no Irã, e a Copta, no Egito, sofrem intensa ameaça. Mas nada se compara a situação dos cristãos da Síria e do Iraque desde o surgimento do Estado Islâmico. Um articulista observa que 2014 foi uma catástrofe para os cristãos do Oriente Médio.⁵³

⁴⁹ Ibid., p. 24.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.portasabertas.org.br/cristaosperseguidos/perfil/>. Acesso em: 28/05/2015. Desde 1988, Portas Abertas promove no final de maio o Domingo da Igreja Perseguida. Ver: <https://www.domingodairejaperseguida.org.br/o-que-e>.

⁵¹ A organização Anistia Internacional também denuncia ano após ano as extensas violações de direitos humanos cometidas por esses e outros países. Ver: <https://www.amnesty.org/en/countries/>. Acesso em: 31/05/2015.

⁵² MARSHALL et al., *Perseguidos*, p. 21.

⁵³ JENKINS, Philip. Is this the end for Mideast Christianity? *Christianity Today*. Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/ct/2014/november/on-edge-of-extinction.html>. Acesso em: 28/05/2015.

O Estado Islâmico, conhecido em árabe pela sigla Daesh, reivindica ser um califado e, como tal, ter autoridade religiosa, política e militar sobre todos os muçulmanos. Essa organização de linha sunita foi criada há vários anos, mas só alcançou notoriedade internacional em junho de 2014 ao declarar a criação do califado. Controla vastas regiões do Iraque e da Síria e entre seus alvos estão todas as minorias religiosas: xiitas, yazidis, shabaks, mandeus e cristãos. Estes últimos incluem assírios, caldeus, ortodoxos, católicos e protestantes. A organização terrorista ocupou importantes cidades, como Mosul e Qaraqosh, dando aos cristãos três opções para não serem mortos: converter-se, fugir ou pagar um imposto. Além de destruir valiosos bens culturais e edifícios religiosos históricos, o Estado Islâmico tem cometido assassinatos cruéis na forma de crucificações e decapitações. Uma das consequências é a drástica redução da população cristã.⁵⁴

Todavia, é preciso ir além. Também é importante considerar o que ocorre em nações que não enfrentam situações tão extremas como o Iraque e a Síria. A título de ilustração da gravidade do problema, são destacados a seguir vários países do Oriente Médio, da África e da Ásia, alguns dos quais estão entre os mais representativos do mundo islâmico.

5.4.1 Arábia Saudita

O berço do islã e sede de seus locais mais sagrados é um país notório por sua supressão da liberdade religiosa. Dominado por uma forma ultraconservadora da tradição sunita, o wahabismo,⁵⁵ esse reino não permite a existência de nenhum local de culto não islâmico em seu território, além de exigir que todos os sauditas sejam muçulmanos. Os únicos cristãos são trabalhadores estrangeiros e diplomatas, que só podem se reunir para o culto às escondidas. Em março de 2012, o grande mufti saudita, Abdul-Aziz ibn Abdullah Al ash-Sheikh, promulgou uma decisão jurídica (*fatwa*) segundo a qual “é necessário destruir todas as igrejas da região”, ou seja, mesmo as que estão fora da Arábia Saudita.⁵⁶

O país se define como um estado islâmico, tendo como lei a sharia e como constituição o Corão. Muitos pregadores das mesquitas regularmente incitam a violência contra cristãos e judeus. As escolas públicas ensinam os alunos a odiar os cristãos, considerando-os infiéis e inimigos. Existe uma polícia religiosa (*mutawwa'in*) que controla a conduta e as manifestações de pensamento.

⁵⁴ Ver: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/jihadistas-proclamam-um-estado-islamico-entre-o-iraque-e-a-siria/> (30/06/2014); <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/avanco-jihadista-ameaca-extinguir-a-lingua-falada-por-jesus/> (28/08/2014). Acesso em: 03/09/2014.

⁵⁵ Derivado de Muhammad ibn Abd al-Wahhab (1703-1792), rigoroso pregador da Península Arábica.

⁵⁶ MARSHALL et al., *Perseguidos*, p. 27, 160.

Os poucos convertidos cristãos são considerados apóstatas e correm o risco de ser presos, torturados e mortos. O reino saudita utiliza seus grandes lucros com o petróleo para exportar sua versão fundamentalista do islã para outros países, financiando mesquitas, escolas, livrarias e atividades sociais.⁵⁷ Apesar de tudo, é considerado pelo governo americano como um importante aliado estratégico, o que limita os protestos contra a violação de direitos humanos.

5.4.2 Irã

Esse país, a antiga Pérsia, é a principal expressão do islã xiita, sendo um forte adversário da Arábia Saudita. Possui em seu território antigas confissões cristãs como a Igreja Apostólica Armênia (cerca de 300 mil adeptos dessa etnia), a Igreja Assíria do Oriente (11 mil) e a Igreja Católica da Caldeia (7 mil), além de pequenos grupos protestantes. Só reconhece oficialmente o zoroastrismo, o judaísmo e o cristianismo, os quais, no entanto, enfrentam muitas formas de discriminação. Grupos não reconhecidos, como os bahais, estão em situação ainda mais difícil. A República Islâmica do Irã impõe fortes restrições aos grupos religiosos minoritários, que têm declinado rapidamente nas últimas décadas. Em anos recentes, tem crescido o número de atos repressivos como invasão de igrejas, prisões, torturas e queima de Bíblias. O número crescente de iranianos que se convertem ao cristianismo enfrenta o risco de execução. Foi muito divulgado há alguns anos o caso do pastor Youcef Nadarkhani, condenado à morte por ter se convertido à fé cristã, que só escapou da execução, em 2012, devido à forte pressão internacional em seu favor.⁵⁸

5.4.3 Egito

País árabe mais populoso, o Egito é o lar da maior e mais antiga comunidade cristã do Oriente Médio, a Igreja Copta, com cerca de 8 milhões de adeptos (10% da população e 90% dos cristãos egípcios). Outros grupos cristãos são ortodoxos gregos, católicos romanos e evangélicos. Após a queda do ditador Hosni Mubarak e a tomada do poder pelos militares em 2011, foram realizadas eleições parlamentares, tendo a Irmandade Muçulmana conquistado quase metade das cadeiras, e os salafistas, semelhantes aos wahabitas da

⁵⁷ Ibid., p. 159-169. Uma missionária que trabalha em um pequeno país africano disse no início de 2015: “Nos últimos dias, temos tido certas dificuldades quanto ao crescimento absurdo do islamismo. Há um projeto deles de que a cada 45 dias seja construída uma mesquita. E é verdade. A cada dia somos surpreendidos com elas por todos os lados... Nossos vizinhos são animistas. Estão para atraí-los, eles estão servindo lanche todos os dias na mesquita, e nas sextas-feiras, depois das orações das 14h00, servem almoço e dão um quilo de açúcar para levar para casa (coisa que é cara e que os nacionais apreciam muito). Também está sendo preparada aqui na capital uma conferência de líderes islâmicos de vários países da África Ocidental... Está em debate na Assembleia Nacional Popular uma proposta para que o governo pague os professores das escolas alcorânicas”.

⁵⁸ MARSHALL et al., *Perseguidos*, p. 172-180. Ver também: BAUMANN, Dan. *O amor venceu o medo: o impressionante testemunho de um cristão prisioneiro no Irã*. São Paulo: Vida, 2004.

Arábia Saudita, outras 26%. Poucos meses depois, Mohamed Morsi, ligado à Fraternidade Muçulmana, foi eleito presidente com pouco mais da metade dos votos. Seu governo crescentemente autoritário chegou ao fim em julho de 2013, mediante nova intervenção militar, que também resultou em violenta repressão contra seus partidários.

Desde a “primavera árabe”, a situação dos coptas se agravou consideravelmente e muitos começaram a deixar o país. Além das leis discriminatórias quanto à reforma ou construção de templos cristãos, desde a renúncia de Mubarak aumentaram os ataques de extremistas, forças de segurança e multidões insufladas pelo fanatismo, com muitas vítimas fatais. Multiplicam-se os incêndios de igrejas e cresce o rapto de meninas coptas com fins de conversão forçada ao islã. Os egípcios que deixam o islã e se convertem a outra fé são passíveis de morte. Uma pesquisa da organização Pew Research Center em 2010 revelou que 84% dos egípcios são favoráveis à execução de muçulmanos que mudam de religião.⁵⁹ O governo se recusa a alterar a filiação religiosa nas carteiras de identidade dos convertidos.⁶⁰

5.4.4 Sudão

A situação dos cristãos no país ao sul do Egito é ainda pior. A fé cristã chegou à antiga Núbia nos primeiros séculos da era cristã, mas desde a chegada do islã a igreja sudanesa tem sofrido continuamente. O cristianismo foi revitalizado no século 19 e difundiu-se amplamente no sul do país no século 20. Com o passar do tempo, a repressão do governo islâmico de Cartum contra os cristãos, mediante a imposição da sharia em todo o território, resultou em 1983 numa guerra civil que, após muito sofrimento, levou à divisão do país. Em 9 de julho de 2011 foi oficialmente criada a República do Sudão do Sul, a mais nova nação do mundo.

Mesmo assim, a provação continua mediante ataques de simpatizantes do norte ao longo da fronteira dos dois países na forma de bombardeios, sequestros, estupros e assassinatos. Os motivos para a continuação da violência são o petróleo do sul e o desejo de islamizar a região. Além disso, o general Omar al-Bashir, que governa desde 1989 e foi acusado de crimes de guerra em uma corte internacional, continua a atacar o povo nuba, no centro do Sudão, composto de cristãos e muçulmanos moderados. Desde que o sul se separou, os poucos cristãos da capital, Cartum, também vivem sob a sombra do medo, devido aos grupos muçulmanos que ameaçam destruir igrejas, matar os fiéis e eliminar o cristianismo do país.⁶¹

⁵⁹ MARSHALL et al., *Perseguidos*, p. 189. Ver: <http://www.pewglobal.org/2010/12/02/muslims-around-the-world-divided-on-hamas-and-hezbollah/>. Acesso em: 29/05/2015.

⁶⁰ MARSHALL et al., *Perseguidos*, p. 184-195.

⁶¹ *Ibid.*, p. 213-221.

5.4.5 Nigéria

O país mais populoso da África, com cerca de 170 milhões de habitantes e mais de 250 grupos étnicos, também vem sendo esfacelado pelos conflitos religiosos. A população está quase totalmente dividida entre cristãos no sul e muçulmanos no norte, sendo que outros 10% seguem crenças tradicionais africanas. Nas últimas décadas, a violência entre os dois grupos tem custado milhares de vidas. Desde 1999, 11 dos 36 estados introduziram uma versão da sharia. Ao mesmo tempo, crescem as milícias islâmicas, a mais célebre das quais é o grupo conhecido como Boko Haram, que trata como infiéis todos – cristãos e muçulmanos – que não se harmonizam com suas ideias. Seus repetidos ataques têm deixado um rastro de destruição e morte em cidades e vilas. São raros os domingos em que não ocorrem ataques contra igrejas.

Depois de se aliar à al-Qaeda, o Boko Haram declarou a sua adesão ao Estado Islâmico do Iraque e da Síria. Um de seus principais objetivos é lutar contra os cristãos e impor a lei islâmica em todo o país. A oposição deste e de outros grupos à “educação ocidental” faz com que os pais muçulmanos não enviem seus filhos à escola, perpetuando a pobreza e o fanatismo.⁶²

5.4.6 Indonésia

Esse arquipélago asiático é considerado a maior democracia de maioria muçulmana do mundo, com cerca de 250 milhões de habitantes. O país é celebrado por sua ampla tolerância religiosa, mas organizações extremistas como a Frente de Defensores Islâmicos estão crescendo e se tornando mais ativas e violentas. Para os cristãos, de 10 a 13% da população, os maiores desafios à liberdade religiosa vêm da pressão social e de justiceiros, milícias e governos locais. Em algumas localidades, os cristãos têm sido objeto de ações agressivas que incluem processos judiciais, destruição de templos, espancamentos e até mesmo assassinatos.⁶³ Todavia, o trabalho de organizações islâmicas moderadas tem dado um novo alento à minoria cristã.⁶⁴ Infelizmente, a Indonésia é uma exceção, visto que a imensa maioria das nações muçulmanas rejeita a democracia e os valores associados a ela.

5.4.7 Turquia

A antiga Ásia Menor da época do Novo Testamento, palco das viagens missionárias do apóstolo Paulo, foi uma das regiões com mais forte presença

⁶² MARSHALL et al., *Perseguidos*, p. 235-239.

⁶³ Ver: INTAM, Benyamin F. Religious violence in Indonesia: the role of state and civil society. *International Journal for Religious Freedom* 5, n. 2 (2012), p. 63-77.

⁶⁴ MARSHALL et. al., *Perseguidos*, p. 240-245. Esse clima mais favorável permite o trabalho de líderes cristãos como o Rev. Stephen Tong, pastor de uma grande e próspera igreja reformada em Jakarta.

cristã ao longo dos séculos. A situação mudou devido à contínua pressão dos turcos convertidos ao islamismo, culminando com a queda de Constantinopla em 1453. O Império Otomano foi o mais poderoso que já surgiu no Oriente Médio e só chegou ao fim com a 1ª Guerra Mundial, após a qual foi criada, em 1923, a moderna República da Turquia. Esse período de transição representou uma imensa tragédia para várias minorias cristãs, especialmente os armênios, submetidos a massacres e deportações.

Conhecida como uma república secular e interessada em ser admitida na União Europeia, a Turquia começou a mudar de direção em 2002 com a chegada ao poder do Partido Justiça e Desenvolvimento, de orientação islâmica, fundado por Recep Erdogan. Com isso, aumentaram as dificuldades para os grupos cristãos, que representam apenas 0,15% da população do país e se encontram sob o risco de ser totalmente extintos. O controle estatal da religião é exercido por meio da poderosa Diretoria de Assuntos Religiosos (*Diyanet*). Vistas como inimigas da “identidade turca”, as igrejas sofrem inúmeras ameaças, como sufocantes restrições legais de suas atividades, proibição do treinamento local de religiosos (seminários não são permitidos), bem como propaganda negativa na imprensa, escolas e mesquitas. Somente são reconhecidos oficialmente os ortodoxos gregos, armênios e judeus. Os protestantes, considerados uma presença estrangeira, sofrem restrições ainda maiores. Em anos recentes ocorreram brutais assassinatos de cristãos.⁶⁵

5.5 *Problemas de uma cosmovisão*

Apesar das alegações enfáticas de seus apologistas, existem peculiaridades no ethos, na lógica interna ou na autocompreensão do islã que tornam difícil a convivência com outros grupos. Quando se fala em tolerância na religião islâmica, o que se tem em mente não é uma aceitação mútua de iguais, mas uma atitude de condescendência do superior para com o inferior, atitude essa que pode ser modificada a qualquer momento. Quando se fala em paz, é a paz que irá resultar do predomínio final do islã, não uma ausência de animosidade para com os outros. Em última análise, o que se espera e deseja é a submissão de todos ao islã.⁶⁶

Esse sentimento de superioridade está acompanhado de uma hipersensibilidade que faz os muçulmanos reagirem de maneira desproporcional ao

⁶⁵ MARSHALL et al., *Perseguidos*, p. 134-145. Ver também: UPHOFF, Petra. Islam and toleration: what does religion teach? *Islam and Christianity* 8, n. 1 (2008), p. 30s.

⁶⁶ SCHIRRMACHER, Christine. *Islam and society: sharia law – jihad – women in Islam*. WEA Global Issues Series 4. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 2008, p. 45-54. Outras obras dessa autora são: *The Islamic view of major Christian teachings* (2008), *Apostasy and sharia* (2009). É editora do periódico *Islam and Christianity*, do Instituto de Estudos Islâmicos (Alianças Evangélicas de Língua Alemã).

que entendem como ameaça e desrespeito à sua religião. Por exemplo, uma hadith afirma que Maomé desaconselhou a reprodução da sua figura para que não se tornasse um objeto de culto. Isso não impediu que pintores islâmicos medievais o retratassem em muitas obras de arte. Hoje, se uma publicação ostenta um desenho do profeta, mesmo que inocente e não desrespeitoso, tal fato desperta acusações de blasfêmia e reações muitas vezes letais de multidões ensandecidas, pelo mundo afora.⁶⁷ Este sentimento de ofensa não está presente com tal intensidade em outras religiões.

Outro problema do islã é a incapacidade de compreender que o cristianismo não pode ser responsabilizado por tudo de mau que ocorre no Ocidente e pelas ações negativas de países ocidentais em relação ao mundo muçulmano. Além de haver no hemisfério norte a plena separação entre igreja e estado, as sociedades europeias e norte-americanas são fortemente secularizadas, tendo há muito abandonado as melhores convicções e valores do cristianismo. É igualmente injusto despejar reações de frustração e fúria sobre as pacíficas comunidades cristãs que sobrevivem com tanta dificuldade no mundo islâmico.

Quanto à alegação de que o extremismo é uma distorção perversa do verdadeiro islã, é importante lembrar que, no cristianismo, mesmo os grupos mais aberrantes do ponto de vista doutrinário ou ético jamais adotaram práticas tão violentas. Que adeptos de outras religiões bradam “Deus é grande!” (*Allahu Akbar*) enquanto cometem os maiores atos de crueldade? A agressividade latente no islã desde os seus primórdios e externada nas muitas situações mencionadas acima leva a concluir que a diferença entre o radicalismo islâmico e o islã majoritário não é tanto de natureza, e sim de grau.⁶⁸ A diferenciação que se faz entre *Dar al-islam* (“a casa do islã”) e *Dar al-harb* (“a casa da guerra”), esta última sendo o mundo não muçulmano a ser conquistado, não é indicativa de uma atitude pacífica e tolerante.

CONCLUSÃO

A interação entre os mundos cristão e muçulmano é uma realidade inevitável na contemporaneidade. Assim como os muçulmanos, os cristãos também creem na plena veracidade da sua fé e desejam compartilhá-la com todos os povos e culturas. Eles querem dialogar e debater com os adeptos de outras religiões num ambiente de liberdade, respeito e convivência cordial.⁶⁹ Se o

⁶⁷ Foi o que ocorreu no Níger a partir do dia 16 de janeiro de 2015, depois que o jornal *Charlie Hebdo* publicou em sua capa uma charge de Maomé.

⁶⁸ Ver: BRASIL, Felipe Moura. O mito da minoria radical muçulmana. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2015/01/07/o-mito-da-minoria-radical-muculmana/>.

⁶⁹ O Seminário Teológico Reformado, em Jackson, Mississipi, é um dos poucos que têm um programa voltado especificamente para o estudo e ministério a esse grupo, denominado “Our Muslim Neighbors” (nossos vizinhos muçulmanos).

islã está seguro de suas crenças, não precisa temer que seus fiéis mantenham contato com a fé cristã.

Existem valores no islã que podem ser utilizados para criar uma nova atitude em relação aos demais grupos religiosos. Porém, isso exigirá uma mudança de mentalidade dos juristas, dos exegetas, dos pregadores e dos governantes islâmicos, para que exerçam um novo tipo de influência sobre as suas populações. Peter Demant, autor nitidamente simpático ao islã, propõe uma reforma dessa religião em torno de alguns pontos essenciais: reinterpretação mais flexível de suas fontes, nova valorização da diversidade, reconciliação com a modernidade, valorização da democracia e atuação decisiva do islã ocidental.⁷⁰

Os cristãos reconhecem a legitimidade de muitas críticas dos muçulmanos em relação ao Ocidente. O materialismo, a corrupção moral, o hedonismo e a atitude imperialista são merecedores de censura.⁷¹ O fervor e a intensidade do islã também contrastam com o comodismo e a superficialidade de muitos cristãos ocidentais. Porém, o cristianismo entende que a violência, o espírito de vingança e a imposição de uma visão religiosa são igualmente condenáveis e pecaminosos. Eles não podem ficar passivos diante das agressões brutais que os seus irmãos sofrem em muitas partes do mundo. Não se trata de islamofobia, mas de uma questão de justiça e solidariedade.

Ao contrário de outros líderes ocidentais, que preferem um silêncio cúmplice sobre esse tema, o primeiro-ministro inglês David Cameron falou claramente do assunto em sua mensagem de Páscoa de 2015. Depois de apontar o significado da data, mostrar a relevância do cristianismo na vida inglesa e declarar que a Inglaterra é um país cristão, ele acrescentou:

Temos o dever de falar sobre a perseguição de cristãos ao redor do mundo. É realmente chocante que, em 2015, ainda existam cristãos sendo ameaçados, torturados e até mortos por causa de sua fé, do Egito à Nigéria, da Líbia à Coreia do Norte. Por todo o Oriente Médio cristãos têm sido arrastados de suas casas, obrigados a fugir de vila em vila, muitos deles forçados a renunciar à sua fé ou sendo brutalmente assassinados. A todos esses corajosos cristãos no Iraque e na Síria que praticam a sua fé ou oferecem refúgio a outros, devemos dizer: “Nós estamos com vocês”.⁷²

⁷⁰ DEMANT, *O mundo muçulmano*, p. 357-364.

⁷¹ Ver YANCEY, Philip. Por que os muçulmanos nos odeiam? In: WINTER, Ralph et al. *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 481-483. No romance ficcional *Submissão*, publicado recentemente em português, o escritor Michel Houellebecq imagina a ascensão ao poder de um partido político muçulmano na França e as consequências desse fato. Visto como uma crítica ao islã, o livro na realidade aponta para a decadência cultural e espiritual da Europa.

⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6JzlUwnSWw&feature=youtu.be>. Acesso em: 22/05/2015.

Os imigrantes muçulmanos e seus descendentes desfrutam, no mundo ocidental, do pleno direito de cultivar a sua religiosidade. Ainda que, por vezes, sejam objeto de manifestações de antipatia por parte de alguns indivíduos, isso em nada se compara ao que os cristãos e outras minorias experimentam nos países islâmicos. Existe a necessidade de uma transformação na religião islâmica conforme entendida e praticada na atualidade, de um retorno à atitude mais flexível, aberta e coerente de outros tempos. Num mundo que se depara com tantos problemas angustiosos como a superpopulação, o esgotamento dos recursos naturais, o desequilíbrio ecológico, a fome e a miséria, a religião não pode ser mais uma fonte de medo e insegurança.

ABSTRACT

The beginning of the 21st century is witnessing events in the realm of religion with great historical significance. Islamic radicalism is haunting the world with its persistent aggressiveness and broad scope. The Middle East, North Africa, and parts of Asia, Europe and North America have been the stage of extremist fanaticism and violence. In special, Christian communities living peacefully in Muslim countries are being the targets of horrible cruelty. In several regions, the remaining Christianity is on its way to extinction. Many observers and scholars assert that such actions represent a grotesque distortion of Islam and are not in harmony with the true spirit of that religion. Time after time, internal and external apologists state that historically the Muslim faith has fostered tolerance and peace. The aim of this article is to reexamine this issue by looking at Islam's sources, its history, and the developments in recent years.

KEYWORDS

Islam; Islamism; Muslims; Mohammed; Coran; Hadith; Sharia; Tolerance; Multi-culturalism; Christianity; Fundamentalism; Persecution; Human rights.